CORREIO
NO MUNDO

DIOGO BRANDAO/ PEXELS

Bloqueio de estudantes fecha um dos principais museus do mundo

Louvre fecha e cidades da França tem toque de recolher por protestos

Ao menos quatro cidades do norte da França decretaram toque de recolher até esta terça-feira (20), enquanto bairros de Paris tiveram a circulação de pessoas e as manifestações restringidas em meio à escalada da violência no país. Nesta segunda-feira (19), o Museu do Louvre também fechou as portas após um bloqueio organizado por estudantes. Na capital francesa, as restrições impedem a circulação de moradores entre 23h e 6h e a realização de manifestações entre 20h e 6h. Entre as áreas afetadas está a Praça da República, um dos principais pontos de concentração de protestos. Os protestos ganharam força no fim de semana, quando mais de 500 mil pessoas foram às ruas contra o aumento do custo de vida e a deterioração dos serviços públicos. As manifestações, que começaram há cerca de quatro semanas com reivindicações de estudantes do ensino médio por melhores condições de ensino, transformaram-se em um movimento nacional por mudanças.

Estado de emergência não está descartado

Sob pressão para restabelecer a ordem, o primeiro-ministro Sébastien Lecornu afirmou ter solicitado aos prefeitos a adoção de restrições noturnas. O premiê descartou, por enquanto, decretar estado de emergência, como defendeu Bruno Retailleau, líder do partido conservador Republicanos, mas não excluiu a possibilidade de recorrer à medida caso a situação se agrave. A União Europeia defendeu a proteção do direito às manifestações pacíficas, mas classificou como inaceitáveis os incêndios, saques e ataques registrados durante o fim de semana.

REPRODUÇÃO/ REDES SOCIAIS

Onda de protestos já atinge diversas cidades da França

Falhas policiais e novas manifestações

O presidente Emmanuel Macron reconheceu falhas na condução policial das manifestações, determinou uma revisão das medidas de segurança e cobrou a adoção de novos procedimentos para conter barricadas e saques. Em pronunciamento à nação, condenou os atos de violência e afirmou que as autoridades locais poderão proibir manifestações quando considerarem necessário. O movimento dos Coletes Amarelos, por sua vez, anunciou uma nova rodada de protestos para o próximo sábado (24), denominada "Ato 2".

Prejuízos para os comerciantes

Os prejuízos econômicos são expressivos. Mais de 2 mil lojas foram afetadas em todo o país, segundo Alain Di Crescenzo, presidente da Câmara de Comércio, que estima perdas de centenas de milhões de euros. Na capital, aproximadamente 400 estabelecimentos foram depredados. Já a Federação de Comércio e Varejo contabiliza quase 3 mil lojas atingidas.

Ultradireta busca votos

Após os tumultos na França, a Reunião Nacional (RN), partido de ultradireita, culpou o governo centrista e a esquerda e transformou a crise em oportunidade eleitoral. Seu líder, Jordan Bardella, atribuiu essa violência a décadas de leniência com o crime e enfraquecimento das forças de segurança, e pediu que eleitores apoiem a legenda na próxima eleição presidencial.

Líder pede ordem já

Ao visitar uma delegacia em Paris, Jordan Bardella declarou apoio aos policiais e disse que os franceses precisam fazer "as escolhas políticas certas" para restaurar a estabilidade. O líder da Reunião Nacional falou aos cidadãos chocados com vitrines destruídas e lojas incendiadas e afirmou que seu partido está preparado para restabelecer a ordem no país.

Le Pen lidera disputa

A seis meses da eleição presidencial francesa, Marine Le Pen aparece como favorita, e a Reunião Nacional tenta capitalizar a onda de violência. Analistas avaliam que as imagens de lojas destruídas e prédios atacados favorecem a legenda, que se apresenta como defensora da lei e da ordem. O impacto eleitoral dependerá da continuidade dos protestos.

De quem é a culpa?

O governo centrista responsabilizou o principal partido de ultraesquerda por incitar a violência, enquanto a legenda atribuiu os distúrbios à má gestão e à atuação truculenta da polícia. Após atos contra o custo de vida e por melhorias nas escolas, grupos mascarados atacaram lojas e prédios públicos, ofuscando as reivindicações iniciais.

Extrema-direita avança

A reação da Reunião Nacional aos tumultos acompanha a estratégia de partidos de extrema direita europeus, que se apresentam como resposta a crises sociais e políticas. Na Espanha, o Vox explorou a entrada de migrantes; na Alemanha, a AfD cresce ao canalizar preocupações sobre a identidade nacional. Na França, a crise reforçou o discurso de segurança da RN.

Déjà vu revolucionário

Especialistas afirmam que a Reunião Nacional retrata a França como dividida entre centros urbanos progressistas e um interior que considera ordeiro. A estratégia busca mobilizar sua base eleitoral e alimentar a percepção de declínio nacional. O país também enfrenta déficit orçamentário e impasse parlamentar, fatores que ampliam a preocupação com a crise política.

EMILY J. HIGGINS/THE WHITE HOUSE

Presidente pode perder o controle do Congresso dos Estados Unidos

Aprovação de Trump cai a 31% a duas semanas das eleições

Partido Republicano pode perder o controle da Câmara e do Senado

Da **Redação**

A aprovação do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, atingiu o menor patamar de seus mandatos, em meio à preocupação dos americanos com a alta dos preços da gasolina e à crescente disposição de eleitores de apoiar os democratas nas eleições para o Congresso, marcadas para 3 de novembro. Os dados são de uma pesquisa Reuters/Ipsos concluída nesta segunda-feira (19).

Segundo o levantamento, realizado ao longo de quatro dias, 31% dos americanos aprovam a atuação de Trump na Presidência, um ponto percentual a menos em relação à pesquisa feita duas semanas antes. O índice representa o nível mais baixo de popularidade do republicano em seus mandatos.

Na intenção de voto para o Congresso, os democratas ampliaram a vantagem sobre os republicanos. Questionados sobre em qual partido votariam caso as eleições fossem realizadas hoje, 47% dos eleitores registrados escolheram os democratas, enquanto 35% optaram pelos republicanos. A diferença de 12 pontos percentuais é a maior registrada neste ciclo eleitoral e fortalece as expectativas democratas de conquistar o controle da Câmara dos Representantes e do Senado.

Uma pesquisa anterior da Reuters/Ipsos, realizada duas semanas antes, mostrava os democratas sete pontos à frente, com 44% das intenções de voto, contra 37% dos republicanos.

A ampliação da vantagem democrata está relacionada, em parte, à mudança de preferência entre as mulheres. Entre as eleitoras entrevistadas, 50% disseram que votariam em candidatos democratas, enquanto 32% escolheriam republicanos. Os homens também demonstraram preferência pelos democratas, embora por uma margem menor.

A perda de uma das duas Casas do Congresso representaria um obstáculo para Trump nos últimos dois anos de seu mandato, dificultando a aprovação de propostas e a implementação de sua agenda política.

A pesquisa foi realizada pela internet e ouviu 1.679 adultos americanos, dos quais 1.279 eram eleitores registrados. A margem de erro é de dois pontos percentuais para o conjunto dos entrevistados e de três pontos para os eleitores registrados.